

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ  
PROPPE – CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU  
GESTÃO PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

**Cristiane Izabel Cunha**

**O BRINCAR E O DESENHAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL,  
PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA  
NA ALFABETIZAÇÃO.**

CURITIBA

2009

**Cristiane Izabel Cunha**

**O BRINCAR E O DESENHAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL,  
PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA  
NA ALFABETIZAÇÃO.**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Gestão pedagógica em educação  
infantil e séries iniciais da Universidade Tuiuti do  
Paraná.  
Orientador: Ana Maria Lopes

CURITIBA

2009

**TERMO DE APROVAÇÃO****Cristiane Izabel Cunha****O BRINCAR E DESENHAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL,  
PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA  
NA ALFABETIZAÇÃO.**

Esta monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do título de especialista em gestão pedagógica em educação infantil e anos iniciais da Universidade Tuiuti do Paraná.

Curitiba....., de.....de2010.

Orientador: Ana Maria Lopes

Dedico este trabalho a todos os educadores que se preocupam com o futuro da educação, do nosso país .

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, pela proteção e iluminação em todos os momentos, pois sem Sua força nada seria possível. Aos meus pais e namorado, pela cumplicidade e amor. A minha orientadora Profa. Ana Maria Lopes pela paciência e dedicação. A UTP por possibilitar o meu aperfeiçoamento profissional e o desenvolvimento deste trabalho.

“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo, se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

Carlos Drummond de Andrade.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
2	<b>CAPÍTULO 1-</b> A construção da aprendizagem na faixa etária de 0 a 7 anos e a compreensão da função simbólica.....	11
3	<b>CAPÍTULO 2-</b> As brincadeiras e os desenhos: estágios do desenvolvimento da linguagem escrita .....	20
4	<b>CAPÍTULO 3-</b> Práticas para o professor trabalhar o processo inicial da linguagem escrita, retiradas de estudos de especialista na área.....	29
	3.1. Práticas de leitura: uma possibilidade de alfabetização.....	31
	3.2 Outros recursos para se trabalhar a alfabetização.....	32
	3.3 Fatores que o professor deve levar em conta para sua prática.....	33
5	<b>CAPÍTULO 4- :</b> O brincar e o desenhar: uma experiência passada a limpo.....	34
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
7	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	41
8	<b>ANEXO 1-</b> Plano de aula: projeto.....	43
9	<b>ANEXO 2-</b> Roteiro.....	44

## RESUMO

Esta monografia tem por finalidade abordar o tema o brincar e o desenhar, dando orientações para utilizá-los durante a educação infantil e para o desenvolvimento da linguagem escrita nas classes de alfabetização. Para tal, dá-se preferência às obras selecionadas de autores como Vygostky e Piaget. O principal objetivo deste trabalho será pesquisar como as brincadeiras e os desenhos podem influenciar no desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças de educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental. Também se pretende analisar como se dá a aprendizagem da criança de zero a seis anos e se há a compreensão por parte dos professores do que é a função simbólica nesta fase. Com este estudo pretende-se oferecer ao professor métodos diferenciados que incluem as brincadeiras, o desenho, a canção e a história infantil, para que possam trabalhar com seus alunos a linguagem escrita de forma divertida, prazerosa e muito significativa.

Palavras chave: Brincadeiras, desenhos, função simbólica, **representação**, linguagem escrita, alfabetização.



## INTRODUÇÃO

A educação infantil constitui campo fértil de investigação, por ser um campo pouco valorizado, onde nem todas as crianças têm acesso e ser denominado, muitas vezes como um espaço assistencialista.

Mas é nesta fase em que a criança está descobrindo algum significado sobre si mesma, do outro, do mundo e entrando em contato com o meio social. Por isso, a educação infantil deve ser vista como um espaço pedagógico, onde a criança além de socializar-se e ser bem cuidada, poderá construir através das brincadeiras, histórias, canções e desenhos, as representações para que possa ler o mundo a sua volta, contribuindo assim para uma aproximação com o universo da linguagem escrita.

Justifica-se a importância desse estudo como alerta ao educador a inserir práticas no cotidiano da educação infantil que venham contribuir mais tarde para a alfabetização dessas crianças. Através de práticas que respeitem as limitações e interesses, a criança pode ser ensinada de forma natural e significativa.

Sabe-se que não são todas as crianças que podem ter acesso à educação infantil, apesar de esse ser um direito constitucional (art. 208, IV da Constituição Federal). É um dever de atendimento do Estado (IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade). Muitas famílias por não possuírem esse conhecimento não matriculam seus filhos nesses estabelecimentos. O que é uma lástima, pois as creches e pré-escolas são consideradas a primeira etapa da educação básica com a missão de estabelecer os fundamentos sobre os quais se assentam os níveis seguintes de escolarização.

Por isso a importância de se inovar as práticas desse nível e torná-la mais acessível, assim o espaço de educação infantil será cada vez mais fundamental ao desenvolvimento da criança.

O principal objetivo deste estudo será pesquisar como as brincadeiras e os desenhos podem influenciar no desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças de educação infantil se estendendo para as séries iniciais.

Pretende-se analisar como se dá à aprendizagem entre zero a seis anos e se há a compreensão do que é uma função simbólica para o professor trazendo para estas práticas de aprendizagem diferenciadas: brincadeira, desenho, canção, história infantil, para que eles possam trabalhar com as crianças a linguagem escrita.

Assim o mais importante é que independente no nível de ensino, a aprendizagem seja prazerosa para o aluno, e se ela se iniciar desde a educação infantil, onde a criança pode brincar, criar e aprender, ela terá vontade de aprender cada vez mais. Como diz Kramer:

“Educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e risos. O cuidado e atenção, os acolhimentos estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. E, nas práticas realizadas, as crianças aprendem. Elas gostam de aprender. Na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos. Na educação infantil, o objetivo é garantir o acesso, de todos que assim o desejarem, a vagas em creches e pré-escolas, assegurando o direito da criança brincar, criar, aprender. Nos dois, temos desafios: o de pensar a creche, a pré-escola e a escola como instâncias de formação cultural; o de ver as crianças como sujeitos de cultura e história, sujeitos sociais” (2006 p.20).

Nos próximos capítulos o que se pretende é mostrar que a criança de zero a seis anos, independente da classe social, tem capacidades que podem ser estimuladas desde muito cedo, mas cabe aos professores desenvolver práticas que sejam de interesse dessas. A estes princípios cabe acrescentar que as crianças têm direito, antes de tudo, de viver experiências prazerosas nas instituições de ensino.

## **CAPÍTULO 1-** A construção da aprendizagem na faixa etária de zero a seis anos e a função simbólica.

Segundo Kramer, as crianças são cidadãs, assim sendo tem seus direitos, direitos de produzirem culturas, de expressar seus pontos de vista, direito à educação. Sendo assim sujeitos históricos, pois todos passaram pela infância, uma infância que deve ser vista:

“... mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana, porque o homem tem infância. A caracterização da infância é a brincadeira, na brincadeira, elas estabelecem novas relações e combinações. As crianças viram as coisas pelo avesso e, assim, revelam a possibilidade de criar. Uma cadeira de cabeça para baixo se torna um barco, foguete, trem.” (KRAMER, 2006p. 15).

Pensando no conceito de infância de Kramer é possível compreender a importância desta faixa etária e começar um estudo mais aprofundado.

Primeiramente tem que se buscar entender a criança como um ser social, e ver a infância como uma categoria histórica que possui suas peculiaridades e ponto de vista.

Por isso a educação deve estar presente desde o momento em que a pessoa nasce, como meio e condição de formação humana e desenvolvimento integral. Kohl (1997, pág.57) cita Vygotsky, que enfatiza a importância dos processos de aprendizado. Para este estudioso, desde o nascimento da criança, o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. O mesmo autor destaca que o aprendizado possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimentos que se não fosse o contato com o meio social, não ocorreria.

Em sua abordagem, Vygotsky (1999) ressalta a importância da escrita e seu processo de aquisição que acontece muito antes da entrada da criança na escola e se estende por muitos anos. Considera-se, então, que para compreender o desenvolvimento da escrita na criança é necessário estudar o que Vygotsky chama de pré-história da linguagem escrita, isto é, o que se passa com a criança antes de ser submetida a processos deliberados de alfabetização.

Com base nos estudos acima são denominadas três zonas do desenvolvimento da aprendizagem, encontradas em Kohl (1997, p. 59-60), a saber:

1. Zona de desenvolvimento real: quando a criança já sabe realizar determinada tarefa sozinha, como resultado de processos de desenvolvimentos já completados.
2. Zona de desenvolvimento potencial: que é a capacidade que a criança tem de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de colegas mais capazes.
3. Zona de desenvolvimento proximal: ou seja, o caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento.

Neste sentido, o processo de ensino aprendizagem na escola deve ser construído, tendo como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança, para que o professor saiba de que ponto começar, e proporcionar estímulos, com o auxílio do meio para que esta avance. Na concepção de Cuberes (1997, pág6):

“O desenvolvimento da inteligência e da curiosidade infantil ocorre e alimenta-se em função da diversidade de experiências das quais as crianças participam, pois elas respondem as influências do meio. O Período que vai do nascimento até os oito anos de idade é considerado crucial para a aquisição de conhecimentos básicos, do desenvolvimento conceitual e das habilidades cognitivas, bem como para o desenvolvimento lingüístico, ao qual está intimamente vinculado”.

Segundo a mesma autora, (1997, p.63), antes da aquisição da linguagem, as crianças já conseguem interpretar o comportamento dos outros e respondem a ele, um exemplo seria o

sorriso de uma criança de três meses quando percebe um movimento de alguém a sua volta. Esse fato, por meio de um gesto, supõe que essa criança já está formando um modelo interno do mundo social. Esse modelo vai sendo formado com base em representações ou esquemas mentais. Tais estruturas desempenham um papel crucial no desenvolvimento lingüístico e cognitivo. Pois através dessas percepções de representações, é que se dá o começo dos conceitos e a base da aprendizagem das palavras.(CUBERES, 1997, 63).

E com a aquisição da linguagem a criança passa por um processo ainda maior, ela começa a criar, a imaginar, e assim ler o mundo a sua volta. “E percebendo que vivemos em um mundo de representações. Só quando adquirem a linguagem passam, portanto a ser capazes de utilizar a representação simbólica, é que as crianças vão ter condições de libertar seu funcionamento psicológico dos elementos concretamente presentes no momento atual.” (KOHL, 1997, P.67).

Segundo Piaget (1982, p.231), que ao invés de função simbólica, utiliza a expressão função semiótica, é essa função que possibilita a criança representar objetos que estão fora do seu alcance visual, por meio de brincadeira do faz de conta, de desenhos e da linguagem. Ou seja, a representação para o autor se dá por meio dessa função, que possibilita a construção do pensamento sobre o objeto ausente, dando significado a este. Para ele não há pensamento sem que haja uma representação.

Assim segundo Pillar (1996, p.29), que utiliza a teoria piagetiana, após a constituição da função semiótica, da capacidade de diferenciar o significado do significante e de se organizar espaço-temporalmente onde a criança consegue representar suas experiências, torna-se possível à aquisição da linguagem. E isso se dá após o período sensório motor, pois neste período a criança não pensa no que está fora do seu campo perceptivo.

Aos poucos o mundo dos símbolos vai se tornando familiar, vai se percebendo que uma coisa é símbolo de outra sem que nenhuma característica sua seja semelhante a qualquer característica da coisa simbolizada. (LEMLE, 1991, p.7).

Outro autor que aborda este assunto é Gardner, segundo ele: utilizamos uma variedade de símbolos por quase toda a nossa vida. Símbolos gráficos e ícones no computador, relógios, sinais de trânsito no caminho do supermercado que também possui produtos com símbolos. Ao entrar em contato com o mundo infantil, também encontramos um conjunto de diferentes símbolos. O simples fato de falar com a criança, desenhar, brincar de esconder, construir blocos, jogar cartas. Assim encontramos símbolos diferentes e comuns dependendo da rotina de cada um. (GARDNER, 2001, pág 52)

No período de dois a seis anos de idade, a criança descobre esse mundo dos símbolos. Elas compreendem a linguagem e utilizam dela não apenas para falar o que pensam, mas para suas brincadeiras, para contar histórias e para ampliar sua compreensão de mundo físico e social. Nessa época de entrada a escola essas crianças são plenamente simbólicas. (GARDNER,2001, pág 53).

Segundo ainda o autor (2001), “Muito conhecimento é aprendido e comunicado através de gestos e outros meios lingüísticos. A descrição de aspectos do mundo, através de gestos, desenhos, construções com blocos ou argilas é um acesso simbólico de grande significação na primeira infância.”

Quando uma criança envolve-se no faz de conta, ela está realizando uma atividade mental diferente da representação de primeira ordem. Ao pegar um objeto como controle remoto de televisão e dizer o que é e para que serve ela está fazendo um movimento mental diferente de quando, segura o controle remoto próximo a boca e fala nele, como se fosse um telefone, ela está ativando uma representação de segunda ordem superior. Tratar um objeto como se fosse outro é

uma forma de representação muito comum entre as crianças. Este comportamento é importante para o ser humano, pois torna possível um novo conhecimento e provoca prazer na criança. (GARDNER, 2001, pág 64).

E isso deve ser estimulado desde os primeiros anos, pois nos primeiros poucos anos de vida, todas as crianças atravessam um marco crucial. Movendo-se além da habilidade de pensar diretamente sobre o mundo da experiência, elas agora se tornam capazes de imaginar (GARDNER, 2001, pág 65). Permitindo assim que a criança desenvolva a criação de obras de imaginação, sejam elas artísticas ou teorias sobre o mundo. Resultando em uma aprendizagem de processos que estejam distantes do seu contexto.

Gardner realizou um estudo em Harvard sobre a simbolização, ele acompanhou um grupo de nove crianças recém nascidas até seus sete anos de idade. Em seu estudo observou o desenvolvimento da linguagem, dramatização, desenho, modelagem, expressão corporal, música e os números. Após os sete anos, ele denominou as fases do desenvolvimento da criança de ondas de desenvolvimento, a saber:

-1ª onda de simbolização: 18 meses a 2 anos: A criança torna-se capaz de captar nos símbolos o conhecimento de que existem eventos que estes envolvem agentes, ações e objetos e que estes eventos têm conseqüências. Exemplo: uma criança de dois anos ao ganhar um lápis e ser pedido para desenhar um caminhão, ela poderá riscar o papel e fazer o som do caminhão e não desenhá-lo. Ela sabe o que é um caminhão, representa-o por meio do som, mas ainda não desenvolve a capacidade de representá-lo graficamente.

-2ª onda de simbolização: Com cerca de três anos de idade (mapeamento topológico). O símbolo capta certas relações de tamanho ou formato retiradas do campo de referência. Exemplo: A criança pode desenhar dois círculos encostados um sobre o outro e denominar o superior de cabeça e o inferior de corpo.

-3ª onda de simbolização: quarto ano de idade (mapeamento digital), capta quantidades e relações numéricas precisas. Exemplo: A criança pode enumerar um pequeno conjunto de objetos. O mundo agora para ser visto como um lugar para contar.

-4ª onda de simbolização: cinco a sete anos, as crianças mostram atração pela simbolização dando a elas um jogo ou uma seqüência dramática para representar. Exemplo: para representar uma viagem de férias, elas decidem desenhar figuras para lembrar os objetos que levarão para a viagem.

Gardner (2001, pág 70) conclui que: “a decisão universal de começar a escolarização formal em torno de 5 a 7 anos de idade não é um acidente ela pressupõe facilidade com os símbolos primários e prontidão para usar símbolos ou registros que se referem por si a outros símbolos”.

Se estas ondas de fato representam as principais maneiras pelas quais os seres humanos constroem significados, elas podem ter poderosas implicações para a educação. Assim os educadores dever se tornar conscientes dessas formas de simbolização para aperfeiçoar suas práticas pedagógicas.

O estudo concluiu que em torno dos cinco a sete anos de idade, as crianças tem uma sensibilidade para diferenciar cada sistema simbólico. Ela distingue os desenhos da escrita, diferentes tipos de desenhos, de histórias, músicas. Como diz Gardner(2001):

“ a criança conta histórias, faz desenhos e começa a criar significados ao mesmo tempo, a criança está tentando dar um sentido geral do mundo, ela está buscando integrar as ondas, correntes e canais do próprio complexo de inteligência em uma versão compreensiva da vida humana que inclui o comportamento de objetos, interações com os outros seres humanos e uma visão incipiente de si mesma. Ela é fortemente cerceada a executar esta



integração, pois não poderia sobreviver na ausência de alguma versão coerente do mundo``.

Mas para que essa percepção ocorra, deve-se estimular o pequeno para que quando estiver maior, sua aprendizagem e conseqüentemente sua alfabetização seja mais prazerosa e tranqüila. Essa estimulação pode acontecer desde a pré-escola, onde a criança tem contato com materiais que estimulam a alfabetização mais tarde como: o lápis, os brinquedos de encaixe, as histórias, as canções, massa de modelar. Enfim, tudo isso contribui para preparar a criança para a compreensão do que é um símbolo.

A Educação das crianças de zero a cinco anos nas creches e pré-escolas, vem crescendo de forma bastante acelerada, devido à necessidade da família, onde os pais trabalham fora de casa. Isso é um fato que deve ser enfrentado e utilizado positivamente a favor da criança. Pois é na infância que estímulos e experiências exercem uma grande influência sobre a inteligência do que em qualquer época da vida, descuidar desse período significa desperdiçar um imenso potencial humano. À medida que o estudo sobre a criança cresce, a educação infantil ganha prestígio e interessados em investir nela. Como diz CUBERES (1997,pág 61) :

“A educação infantil deve proporcionar uma oferta educativa de qualidade para capitalizar o potencial de aprendizagem das crianças menores, e ser uma instância de prevenção do fracasso no primeiro grau. Sem dúvida, o projeto pedagógico é que outorga um caráter educativo a ação da educação inicial. ”  
(CUBERES,1997,pág 61).

Entretanto, temos crianças que não passaram por esse nível, cabe aos professores dessas, muitas vezes de escolas de meios sociais menos privilegiados, suprirem a lacuna da falta de pré-escola, com criatividade e vontade, podendo ajudar suas crianças a ficarem em pé de igualdade como as outras.(LEMLE, 1991pag13).

No capítulo 3 serão mostradas algumas idéias sobre como se pode estimular as capacidades necessárias para a alfabetização.

Precisamos conhecer esses meios facilitadores, pois a alfabetização é muito complexa e para que aprenda a ler, a criança deve compreender que a relação entre um símbolo e a coisa que ele simboliza é inteiramente arbitrária, pois não tem as mesmas características. Lemle (1991, p.8) explica: uma criança que ainda não consiga compreender o que seja uma relação simbólica entre dois objetos não conseguirá aprender a ler. E nada melhor que ter essa compreensão a partir de brincadeiras e desenhos, focos desse trabalho.

Quando isso for compreendido, o próximo passo seria que o professor levasse em conta que para uma criança ainda não alfabetizada, as letras são apenas ´riscos em uma página em branco`, cabe a ele fazê-la entender que esses riscos são um símbolo de um som da fala. Mas esse processo não deve ser imposto, deve ter início quando o professor notar que há um interesse do educando, quando se tratar da educação infantil.

No ensino fundamental, não se pode também deixar a criança perder o encantamento pelo mundo das letras, pelo contrário, nessa fase quanto mais divertida for, mais fácil será a alfabetização. Para que essa criança aprenda a ler e escrever ela deve desenvolver certas capacidades. Como: fazer uma ligação simbólica entre os sons da fala e letras do alfabeto. Enxergar as distinções entre as letras. Capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua. (LEMLE, 1991, p.9-10).

“Há um dado momento em que parece ocorrer um verdadeiro estalo, após o que a pessoa faz rápidos progressos. Que estalo será este? A suposição mais plausível é que o estalo ocorre quando o aprendiz capta a idéia de que cada letra é símbolo de um som e cada som é representada por uma letra”.(LEMLE, 1991,p16).

Entretanto essa relação é mais difícil do que parece, porque em português temos pouquíssimos casos em que uma única letra representa um único som e vice-versa.

No sistema gráfico da língua portuguesa, cada letra não representa um som ex. Sara, Rosa. Isso pode ser passado para a criança colocando, por exemplo, em baixo do alfabeto exposto em sala, ilustrações, com sons variados para uma mesma letra.Ex. A de Ameixa e Anta.

Essas capacidades se bem entendidas pelo professor darão um suporte para que este, com sua criatividade, encontre muitas maneiras de se alfabetizar, com respeito e consciência de que essas crianças que estão entrando para o ensino fundamental apesar de já compreenderem o que é um símbolo são ainda muito pequenas e necessitam de um aprendizado diferenciado.

## **CAPÍTULO 2-** As brincadeiras e os desenhos: estágios do desenvolvimento da linguagem escrita.

“A alfabetização se dá através de uma explosão colorida de leituras do mundo.  
Jose Miguel Wisnik. ”

Este capítulo pretende trazer estudos que possibilitem ao professor encontrar subsídios para enriquecer seu conhecimento e sua prática.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil a brincadeira é uma linguagem infantil que faz a criança diferenciar o que é brincadeira do que é realidade. Sendo assim a criança quando brinca usa o plano da imaginação se aproximando assim de uma linguagem simbólica. Isto quer dizer que as brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica.

Freire (2001 pg. 25) também acredita nesta teoria quando afirma que:

“Quando uma criança brinca, joga, ou desenha, ela está desenvolvendo a capacidade de representar, de simbolizar. É construindo suas representações que as crianças se aproximam da realidade. ”

Essa frase de Freire explica a pretensão desse trabalho. Criar possibilidades através da brincadeira de faz-de-conta, dos brinquedos e desenhos, da criança conhecer o mundo.

É através do faz-de-conta que a criança compreende a realidade e a internaliza. Um modo de se explicar isso é quando a criança brinca de casinha, essa brincadeira tão inocente faz

com que ela observe o que acontece ao se redor, representando assim a realidade. E essa representação se dá muitas vezes por meio de objetos utilizados nas brincadeiras das crianças. Objetos que não são necessariamente brinquedos, mas transformados em brinquedos por elas. Ao brincar com um tijolinho como se fosse um carrinho, por exemplo, ela se relaciona com o significado em questão e não com o objeto concreto em mãos. O tijolinho serve como uma representação de uma realidade e ajuda a criança a separar objeto de significado. Assim como afirma Freire (2001 pg. 29).

“ A criança pensa, agindo concretamente sobre os objetos. Ela opera, pensa a realidade transformando-a, e cada vez mais este pensar vai deixando de se apoiar no concreto ”.

Mas será que esta representação é construída pela criança sem a intervenção de um adulto?

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.28):

“É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na educação infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar”.

Assim por meio das brincadeiras os professores podem observar e ter uma visão de como o desenvolvimento das crianças em relação às capacidades do uso da linguagem, de socialização e representação esta acontecendo. Podendo auxiliá-las quando necessário.

Aos professores em sala de aula, seria interessante observar quais objetos tem mais significados para as crianças e trabalhar com eles. Ao invés de falar o que vai acontecer na rotina, apontar um objeto para simbolizá-la. Por exemplo, pegar uma almofada para simbolizar a hora do lanche, uma varinha mágica para a hora do conto e assim por diante, criando assim novas

representações. E tornando a sala de aula um ambiente propício para o início de uma alfabetização, que começa pela compreensão do que é um símbolo.

Segundo Vygotski:

“Utilização de alguns objetos como brinquedos é a possibilidade de executar, com eles, um gesto representativo. O próprio movimento da criança, seus próprios gestos, é que atribuem a função de signo ao objeto e lhe dão significado. O brinquedo tem uma função do simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo da fala. (1999,p.122).”

Hetzer estudou como a representação simbólica dos objetos se desenvolve em crianças de 3- 6 anos. Seus experimentos constituíram de quatro fases básicas. A primeira, ele procurou observar a função dos símbolos no brinquedo por meio de brincadeiras de faz de conta com objetos. Na segunda, utilizou blocos e materiais para a observação da construção de objetos pelas crianças. A terceira, ele deu ênfase ao desenho com lápis de cor. E por fim, na quarta, utilizou o método de investigação, com o tema brincando de correio para que as crianças criassem diferentes tipos de mensagens. O pesquisador chegou a conclusão de que na atividade do brinquedo, a diferença entre uma criança de três anos e outra de seis anos de idade, não está na percepção do símbolo mas, sim, no modo pelo qual são usadas as várias formas de representação. Sendo que ao longo do desenvolvimento a criança vai ficando cada vez mais próxima da linguagem escrita. A representação simbólica no brinquedo é, essencialmente, uma forma particular de linguagem num estágio precoce, atividade essa que leva, diretamente, a linguagem escrita (VYGOSTSKY,1999,p.124-126)

As crianças mais novas são capazes de descobrir a função simbólica da escrita, como mostram os experimentos de Hetzer, então segundo ele, a iniciação do ensino da escrita poderia ser responsabilidade da educação pré-escolar. As pesquisas de Hetzer indicam que oitenta por cento das crianças com três anos de idade podem entender como se dá a combinação de sinais e

significados. Mas tudo isso deve ser conquistado pela criança naturalmente, sem nenhuma pressão. (VYGOSTSKY,1999,p.132)

Assim nada mais prazeroso para as crianças do que entrarem nessa descoberta através das brincadeiras. Como na educação infantil há a possibilidade de se ter um tempo maior no currículo para as brincadeiras, essas não devem ser tratadas como apenas o momento em que os professores tem um horário de descanso e sim ter o caráter pedagógico. Pois:

“A capacidade de brincar abre para todos, uma possibilidade de decifrar enigmas que os rodeiam” ( SANTOS, R.p 46).

Assim podemos concluir que a brincadeira do faz-de-conta pode contribuir diretamente para o desenvolvimento da linguagem escrita. (VYGOSTSKY, 1999, p.125). Tal como o brinquedo que é um domínio da atividade infantil.

O desenho também cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. Facilitando a aprendizagem dessa. A criança quando desenha está brincando, deixando sua marca, criando, contando histórias. Assim não podemos separar o desenho da brincadeira, pois o risco da amarelinha, os castelos de areia são desenhos que se tornam brincadeiras comuns entre as crianças. Assim temos que entender o desenho com o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também o modo pelo qual a criança posiciona seus brinquedos em um determinado espaço.

A partir da brincadeira que envolve só desenhos e objetos utilizados, podemos entrar na história daquela criança, conhecendo-a por meio da linguagem do desenho. (MOREIRA, A. 1993).

Enfim, concluímos que o desenho é para a criança uma fala, uma primeira escrita. É um recurso pelo qual ela utiliza para deixar sua marca antes menos de aprender a ler. Cabe aos professores ter a sensibilidade de perceber o desenho da criança como uma possibilidade de brincar, de falar, assumindo um caráter próprio e fazendo parte do desenvolvimento intelectual da

criança. Por isso devemos deixar nossos alunos desenhar. Mas como se dá o início de uma representação por meio do desenho? Esta representação se dá quando as garatujas passam a ganhar nomes, a se diferenciar do espaço do papel. Começa a adquirir um caráter de jogo simbólico. Após isto o desenho vai se modificando, criando novas formas e vão aparecendo círculos, bonecos e mais tarde a escrita. (MOREIRA, A. 1993).

Até chegar no desenvolvimento da escrita, sabemos que há um longo caminho a ser percorrido, pois esse desenvolvimento é muito complexo e deve ser bem trabalhado pelos professores. Complexo, pois a escrita representa o mundo de uma forma indireta, ela é representada através da fala, e isso deve estar bem claro para os professores. Segundo Cagliari:

“A diferença entre, por um lado, desenhos, figuras, fotografias, e , por outro, a escrita reside, principalmente, na maneira pela qual elas representam o mundo. Desenhos, figuras e fotografias, em geral, representam o mundo de maneira direta. A escrita. Por outro lado, representa o mundo de maneira indireta, porque na verdade a escrita representa a fala, a linguagem, e é a linguagem que vai representar o mundo. ”

Por isso práticas, como registrar no papel por meio de desenhos, a rotina diária vivenciada na escola tem um papel muito importante. Pois é a partir daí que as crianças vão percebendo gradualmente que estão fazendo com os objetos desenhados uma escrita. E que através desses símbolos desenhados já podem ler.

Outro exemplo desse exercício seria trabalhar quantos alunos estão presentes em sala e quantos estão faltando, os alunos podem ser representados por círculos e quem estiver em sala pinta um círculo, assim os alunos leram quantos estão faltando e quantos estão presentes, uma forma de os familiarizarem com o mundo dos símbolos.

Outras possibilidades seriam atividades com o calendário, onde as crianças registrem as condições do tempo criando símbolos para as diferentes manifestações de chuvoso, ensolarado,



nublado, os aniversariantes do mês, o planejamento das atividades semanais, como desenho, leitura de histórias, dramatização, a lista de chamada organizada segundo o gênero, meninos e meninas, empregando símbolos criados pelas crianças, a formação de time para realizarem diferentes tarefas, cartazes informando a merenda da semana, utilizando símbolos com cores e formas variadas. Explorar as diferentes formas de símbolos os gestos, marcas, sinais de trânsito e desenhos, ajudam a compreender que ao representar alguma coisa o símbolo estabelece uma relação com aquilo que representa.

O simples ato de desenhar sem a intervenção do professor já possibilita uma familiarização com o mundo dos símbolos, pois segundo Pillar (1996, p.34), a criança desenha símbolos ou sinais que expressam o que ela sente a respeito de determinado objeto. O desenho passa a ser a expressão do que a criança pensa e sente, o espelho dela própria. Ainda segundo Pillar (1996, p. 37):

“A criança não nasce sabendo desenhar, mas constrói o seu conhecimento acerca do desenho através da sua atividade com este objeto de conhecimento. Assim, a criança não desenha o que vê nos objetos, mas o que suas estruturas mentais lhe possibilitam que veja e mais, em lugar de encontrar o mundo diretamente, a criança a interpreta. Dessa forma, o conhecimento não resulta da relação direta da criança com os objetos, mas da sua interpretação e representação”.

Assim podemos tratar o desenho como representação, possibilitando a criança o desenvolvimento de uma nova forma de representação, a da linguagem escrita.

Essas representações anteriores a da linguagem escrita, podem e devem ser trabalhadas muito antes de aprender a escrever. Pois são métodos que não prejudicaram o desenvolvimento da criança se bem trabalhado e respeitando o tempo de cada aluno. Cabe ao professor conhecer cada fase da criança.

Dois autores estudaram sobre as fases do desenvolvimento do desenho e outro da escrita da criança. São eles: Luquet e Emília Ferreiro.

Luquet (1979), para demonstrar o desenvolvimento do desenho infantil, classificou-os em níveis:

-Realismo fortuito: divide-se em dois momentos. O primeiro momento classificado como involuntário, a criança não tem consciência de que as linhas traçadas por ela podem representar um objeto. Não há intencionalidade em se representar algo. No segundo momento, classificado como voluntário, a criança ao terminar seu desenho, interpreta-o de acordo com o que lhe é parecido. Até os dois anos e meio, aproximadamente, a criança se encontra neste nível.

( LUQUET, 1979, p. 135-143).

-Incapacidade Sintética ou Realismo Falhado (3-5 anos), a criança faz as suas representações excluindo ou exagerando partes do objeto, de acordo com a importância que representam para ela. Assim, a criança representa repetidamente o que está ao seu redor e o meio social em que está inserida. (LUQUET, 1979, p. 147-149).

-Realismo intelectual: é aquele em que a criança representa todo o conhecimento que possui do objeto e que para isto utiliza outros recursos para a sua representação. Por exemplo: ao representar uma casa, ela desenha também os móveis que estão dentro da casa.

-Realismo Visual: Noções de projeções e distâncias. Entre 8-9 anos, a criança consegue guardar mentalmente as proporções dos objetos do jeito que ela o vê e tem o domínio do tamanho do objeto em função da distância. (LUQUET, 1979, p. 190-194).

Já Ferreiro, aborda sobre o processo de construção da escrita, que também são divididas em fases, a saber:

-1) Nível Pré-Silábico- não se busca correspondência com o som; as hipóteses das crianças são estabelecidas em torno do tipo e da quantidade de grafismo. A criança tenta nesse nível:

- Diferenciar entre desenho e escrita;

- Utilizar no mínimo duas ou três letras para poder escrever palavras;
- Reproduzir os traços da escrita, de acordo com seu contato com as formas gráficas (imprensa ou cursiva), escolhendo a que lhe é mais familiar para usar nas suas hipóteses de escrita;
- Percebe que é preciso variar os caracteres para obter palavras diferentes.

2) Nível Silábico-pode ser dividido entre Silábico e Silábico Alfabético: Silábico- a criança compreende que as diferenças na representação escrita está relacionada com o "som" das palavras, o que a leva a sentir a necessidade de usar uma forma de grafia para cada som. Utiliza os símbolos gráficos de forma aleatória, usando apenas consoantes, ora apenas vogais, ora letras inventadas e repetindo-as de acordo com o número de sílabas das palavras. Silábico- Alfabético- convivem as formas de fazer corresponder os sons às formas silábica e alfabética e a criança pode escolher as letras ou de forma ortográfica ou fonética.

3)Nível Alfabético- a criança agora entende que:

- a sílaba não pode ser considerada uma unidade e que pode ser separada em unidades menores
- a identificação do som não é garantia da identificação da letra, o que pode gerar as famosas dificuldades ortográficas
- a escrita supõe a necessidade da análise fonética das palavras

Da mesma forma que as crianças aprendem a falar, elas podem aprender a ler e a escrever com métodos naturais de ensino de leitura e da escrita que despertem interesse na criança e correspondam a realidade dessas. Desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao

desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Pois a partir disso o aluno descobrirá que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala (VYGOSTSKY, 1999, p.134).

Concluindo, as brincadeiras e os desenhos fazem a criança compreender o que é representar. Ela precisa ter esse conceito consolidado para compreender o mundo das idéias. A abstração do ser humano vem daí. Como a escrita é um objeto altamente abstrato, pois representa uma outra representação (a fala), é fundamental brincar e desenhar para aprender a conviver com as regras, com as convenções e com o simbolismo. Finalmente, o brincar e desenhar são importantes não só para "socializar" a criança, mas para fazê-la entender o funcionamento das relações societárias.

### **CAPÍTULO 3- Práticas para o professor trabalhar o processo inicial da linguagem escrita, retiradas de estudos de especialista na área:**

Para se iniciar qualquer atividade o professor deve levar em conta o conhecimento prévio da criança. Para o Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998, p33):

“É, portanto, função do professor considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostas”.

Também devem trabalhar com práticas que sejam de interesse da criança. Na educação infantil o professor pode começar com atividades ditas permanentes como (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998 p.55):

- brincadeiras no espaço interno e externo;
  - roda de história;
  - roda de conversas;
  - ateliês ou oficinas de desenho, pintura, modelagem e música;
- atividades diversificadas ou ambientes organizados por temas ou materiais à escolha da criança, incluindo momentos para que as crianças possam ficar sozinhas se assim o desejarem;
- cuidados com o corpo.

Ou até mesmo elaborar um projeto com assuntos de interesse da criança, pois estes além de avaliar o aprendizado do aluno por meio de sua participação são de caráter lúdico.

Essas atividades por já fazerem parte da rotina da criança e por terem esse caráter lúdico podem incluir em seus objetivos utilizar as diferentes formas de linguagem (oral, escrita, corporal musical). Pode-se também começar a trabalhar com a alfabetização. Pois sabemos da dificuldade de se alfabetizar e dessa forma:

“... nada mais pragmático do que se iniciar o trabalho de aquisição da escrita com as crianças refletindo, diariamente, desde muito cedo, sobre a possibilidade que se tem de transformar a escrita em fala, no momento da leitura, e a fala em escrita, no momento do texto coletivo, quando o professor é escriba do aluno, registrando suas falas no quadro ou em cartaz, ou ainda fazendo a leitura apontada do que está escrito (BOZZA,2008,p20) ”

Essas práticas podem ser utilizadas como ferramenta para o professor desde a educação infantil até os das classes de alfabetização. Pois, o professor do ensino fundamental é quem enfrenta todos os maiores problemas lingüísticos de uma só vez, e isso tudo no momento crucial da vida escolar de qualquer indivíduo, que é o momento da alfabetização. Assim as classes de alfabetização são as mais evitadas pelos professores, por temerem a prática.

Se o processo de alfabetização fosse levado a sério desde a pré-escola, e se mais crianças fossem matriculadas nesse nível, os problemas enfrentados por esses educadores seriam muito menores.

Mas, como sabemos que isso não ocorre devido muitos fatores que não vamos entrar em detalhes aqui por já serem comentados. O profissional que se propõe a alfabetizar, além de passar os conhecimentos básicos sobre sons da fala, letras do alfabeto e língua, precisa ter respeito pelos alunos, evitar compactuar com um sistema interessado em manter oprimido seu povo, confiar na capacidade de desenvolvimento e criatividade dos seus alunos e ter fé em sua capacidade de tornar o mundo melhor.

### **3.1 Práticas de leitura: uma possibilidade de alfabetização.**

Para se desenvolver um preparo para os saberes e tarefas que envolvem a alfabetização, seria interessante trabalhar com a leitura de histórias infantis, mas essas histórias devem ser selecionadas pela sua qualidade e não pelo seu tamanho.

Segundo Cuberes(1997, p.67):

“Entre todas as atividades que as professoras podem oferecer, a leitura freqüente e repetida das histórias é uma das que mais incide sobre o futuro desempenho dos pré-escolares e dos escolares. Construir histórias na mente é um dos meios fundamentais para elaborar significações. Ao escutar a leitura de histórias, lendas, mitos, meninas e meninos obtém uma interpretação cultural. Ao agirem como espectadores podem adotar uma atitude mais reflexiva com relação aos fatos do que quando participam dos mesmos”.

Entretanto não são todas as crianças que têm a oportunidade de ter sempre contato com esse recurso.

### **3.2 Outros recursos:**

Miriam Lemle em seu livro Guia teórico do alfabetizador, trás algumas idéias que são válidas para estimular o desenvolvimento da alfabetização, principalmente em meios sociais menos privilegiados que só têm esse contato na escola.

Segundo a autora:

- Para a criança ter noção do que é um símbolo: levar para a escola exemplos de símbolos como escudos de times de futebol, sinais de trânsito, emblemas, amuletos.
- Discriminação das formas das letras: desenho de pequenas formas (círculos, traços, quadrados, curvas).
- Discriminação dos sons da fala: criar listas de palavras que começam com o mesmo som, de palavras que rimam.

-Consciência da unidade palavra: dizer o nome dos objetos que estão à vista, aprender palavras novas, contar quantas palavras há numa expressão, localizar a mesma palavra colocada em duas posições diferentes.

-Organização da página escrita: brincar de ler, memorizando e recitando pequenos textos.(LEMLE,1991,p.13-15).

Seria interessante também, que o professor levasse a sala de aula diferentes tipos de textos (jornais, revistas, manuais, listas de nomes, de frutas, etc.), pois dificilmente todas as crianças têm acesso a materiais diversificados, esses materiais possibilitaram a oportunidade das crianças de interagir com textos reais. E desses textos elas poderão tirar as letras e palavras para se aprender a ler e escrever.

### **3.3 Fatores que o professor deve levar em conta para sua prática:**

O professor precisa fazer com que o aluno se interesse pela sua aula, dando a ele capacidade de agir, levando materiais concretos que propiciem o desenvolvimento integral desse aluno.

Não é porque o professor ensina, que um aluno automaticamente aprende. Aprender depende muito da realidade e experiências de cada aprendiz, de seus interesses. A maneira como aquilo que é ensinado passa a ser algo apreendido é depende de cada indivíduo. Obrigá-lo a agir diferentemente é uma violência contra sua liberdade e racionalidade. (CAGLIARI, 1999,p 37).

O professor precisa conhecer seus alunos, saber do que eles gostam, o que os interessam, deixá-los falar. Assim eles estariam mais desejosos a aprender ler e escrever. Pois cada criança tem seu tempo e cabe ao professor diagnosticar em que fase o aluno está para poder trabalhar com suas reais dificuldades.



“Falta o professor educador que em primeiro lugar se preocupa em conhecer seus alunos e só depois diz a eles, de maneira clara, honesta e adequada, aquilo que o educa, de fato, para a vida”.(CAGLIARI,1999 p. 38).

Um método para se começar a analisar em que nível cada aluno se encontra e como começar o trabalho, seria conversando sobre suas dificuldades, procurando saber sobre a comunidade onde vivem dos ideais de vida, da escola, da família e até a respeito do que os alunos acham que a escrita e a leitura são nas suas mais variadas formas. Seria o ponto de partida do processo de aprendizagem. Tanto para o professor, quanto para o aluno. O professor pode ainda pedir para os alunos fazerem desenhos ou rabiscos numa folha de papel para ver como usam o lápis e o papel. Isso permitirá a ele fazer uma análise dos conhecimentos e habilidades dos alunos. (CAGLIARI,1999, p53).

## **CAPÍTULO 4: O brincar e o desenhar: uma experiência passada a limpo:**

Neste capítulo pretendo abordar sobre atividades que vivenciei quando estudava no jardim de infância e atividades que realizei com meus alunos enquanto trabalhei com a educação infantil.

No ano de 1987, quando completei três anos, meus pais, que trabalhavam fora, resolveram me colocar em uma escola perto da minha casa. Os familiares acharam um absurdo, pois eu era muito pequena. Mas com o passar do tempo quando foram vendo resultados com relação ao meu desenvolvimento, foram a favor.

A instituição era simples, mas uma escola dos sonhos de qualquer criança, pois lá não tinham cadeiras enfileiradas, as salas tinham espaços amplos, dentro existia uma casinha de boneca, com acessórios, cantos da leitura, cantos de blocos lógicos, canto da música, almofadas espalhadas por toda a sala, tudo pensado para o desenvolvimento integral dos alunos. Não utilizavam apostilas, apenas atividades lúdicas onde se aprendia com elas. E a aprendizagem não se dava apenas em sala de aula, pois a escola era cercada de um bosque, onde podia ter contato com animais como: vacas, passarinhos, cavalos. Tudo isso em pleno centro urbano. Assim, as crianças tinham vontade de ir a escola, pois sabiam que sempre tinha uma novidade, elas se sentiam em casa.

Se me perguntarem se sai alfabetizada de lá direi que não, mas sai pronta para esse processo, pois tive contato com vários símbolos, desenhei muito, brinquei com as letras, e quando cheguei na classe de alfabetização, tudo isso me auxiliou para que eu aprendesse com maior facilidade.

Quando me tornei professora, de educação infantil, passei todas essas experiências que tive para meus alunos, no caso todos os alunos da escola, pois eu passava uma hora e meia com

cada turma para que os professores regentes pudessem ter sua hora atividade. De início eu só iria ficar aquelas horas para passar o tempo e os professores poderem voltar para a sala, mas pensei, já que estou aqui como estagiária vou fazer um trabalho bem feito, um projeto que eu possa aprender com as crianças e elas comigo. Foi então que observando qual era o maior problema naquela instituição, percebi que a escola priorizava o processo de alfabetização, onde as crianças com cinco anos, a maioria já sabia ler, bom para os pais e professores daquela instituição, mas pensava será que isso estava sendo bom para aquelas crianças? Com certeza não, pois, via no rostinho delas o quanto isso as cansava principalmente ter que trabalhar com aquelas apostilas em que o aluno tinha que cobrir o pontilhados das letras e que todo dia tinha que repetir todas as sílabas que aprenderam. Sem contar no espaço minúsculo com uma carteira atrás da outra.

Foi por esse motivo que resolvi elaborar um projeto na escola de educação infantil Megaton.

O tema do projeto foi: Músicas, jogos e brincadeiras adaptadas ao ensino da alfabetização.

Os objetivos foram: o aprendizado da leitura e da escrita de forma lúdica, o desenvolvimento da linguagem oral e do vocabulário, interpretação e leitura de gravuras e símbolos, a socialização e representação, bem como despertar a criatividade nos educandos e tornar o aprendizado cada vez mais divertido e prazeroso.

Atividades:

1- Construindo símbolos: A criança deverá em uma cartolina criar um símbolo para atividades de sua rotina como: hora de acordar, hora de escovar os dentes, hora de ir à escola, hora de comer, hora de brincar, hora de ler.

2- Dominó de símbolos: De um lado se desenha um símbolo, do outro o que ele representa na linguagem escrita. Exemplo: \$-Dinheiro.

3-Apostando Corrida: o professor deve desenhar uma trilha no chão com começo e fim, e colar alguma sinalização como: Pare 1 rodada, avance 3 casas, escola travessia de alunos, volte uma casa, siga em frente ande 4 casa, dê a preferência, volte à casa anterior. Os alunos jogam um dado e obedecem as sinalizações. Ganha quem chegar no fim primeiro.

4-Mímica: Colocar em um saco algumas gravuras e um aluno terá que interpretar para os demais, eles devem escrever ou desenhar em uma folha o que acham que o aluno está representando e ao sinal do professor devem mostrar a folha para todos.

5- Jogo da memória: com personagens de circo versus instrumentos que utilizam em suas apresentações. Os próprios alunos poderiam confeccionar o jogo.

6-Brincando de fazer compras: Utilizar rótulos de produtos conhecidos pelas crianças, e escondê-los pela sala, as crianças devem procurá-los. Depois montar um mini supermercado com produtos iguais aos que as crianças já possuem, ao sinal elas devem procurar os produtos que estão em mãos nas prateleiras. Cada criança terá vinte reais em dinheiro sem valor e os produtos terão preços, elas só poderão pegar os produtos que derem o valor que elas têm.

7-Quebra-cabeça de texto: recortar um texto em tiras e distribuir para que as crianças possam colocar em ordem e representar por meio de desenhos o que está escrito em cada tira.

8- Brincando com trava-língua: ganha quem não errar a trava-língua a medida o ritmo para ler aumentar.

9- Bingo das frutas: Desenhar algumas frutas e escrever dentro o nome delas embaralhadas, colocar em um saco todas as letras do alfabeto, sortear e mostrar para as crianças ganha quem terminar de cobrir todas as letras com feijão e adivinhar o que está escrito.

10-Quebra-cabeça musical: separar algumas músicas que as crianças conhecem e dividir suas parte em tiras e misturá-las, ganha a criança que conseguir colocar em ordem uma música, por primeiro.

Essas atividades foram bem prazerosas para as crianças, pois quando era a minha hora de entrar em sala, elas ficavam eufóricas com muita vontade de participar.

Também trabalhei muito com o faz de conta, ao contar uma história procurava um lugar diferente, como a casinha da árvore que tinha na escola, o bosque, para que as crianças se sentissem dentro da história, e era bem isso o que ocorria.

Outro projeto que executei foi o de uma criação de ateliês, com o objetivo de desenvolver o pensamento simbólico, onde a partir das brincadeiras vivenciadas nesses espaços, as crianças puderam entrar em contato com a linguagem escrita. Foram criados ateliês: denominado de cozinha, as crianças criaram um texto com uma receita. O texto dos menores não teve legibilidade. Mas partir do rabisco o aluno já vai se aproximando da linguagem escrita, esta foi a intenção. Do conto (fantasias, fantoches, livros diversos, teatros), criando meu próprio brinquedo(sucatas), desenho livre(tinta guache, giz de cera, lápis de cor, retalhos, cola, sementes, folhas secas), argila, brincando de ser gente grande(roupas dos pais, instrumentos de trabalho, de cozinha), danças(músicas variadas, fitas de cetim), piquenique.

Este projeto também teve muito sucesso, até os pais dos alunos participaram e foram em uma exposição para prestigiar o trabalho de seus filhos.

Para concluir esse trabalho estará a disposição uma peça teatral que unirá todas as atividades propostas neste capítulo, e terá como objetivo responder de que forma as brincadeiras de faz de conta podem influenciar no desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças de educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental.

O nome da peça é A fada Dessa em seu mundo do faz de conta, essa peça (roteiro anexo) tem objetivo de proporcionar as crianças brincadeiras de faz de conta para elas entenderem o que é uma representação. Bem como a idéia de símbolo. Tudo isso de forma lúdica, interessante que

fará com que as crianças adquiram um conhecimento novo sem que ao menos percebam. Após a encenação o que seria interessante de ser realizado pelos professores seria a criação de um livro com a história que foi contada, um livro que tivesse ilustrações, realizadas pelos alunos e linguagem escrita, pelos professores. Essa história poderia ser lida em sala quando desejado, e reforçaria o objetivo do teatro, pois através da leitura de histórias, as crianças são capazes de compreender algo abstrato, como a linguagem escrita. Através deles as crianças são incentivadas a refletir e a perguntar sobre o que aconteceu, sua causa, conseqüências e significados. Tornando-as desde pequenas, sujeitos críticos, pesquisadores e despertando o interesse pela linguagem escrita e leitura. Tornando a sala de aula um ambiente alfabetizador.

Segundo Cuberes(1997, p.66):

“Nos ambientes alfabetizados as crianças têm oportunidade de observar e participar desde a tenra idade de ações de leitura e escrita. Estas adquirem significado quando os adultos ressaltam explicitamente o que estão fazendo, quando esclarecem o propósito da atividade e quando as estimulam a descobrir e reconhecer as escritas presentes no meio ambiente”.

Assim o esperado é que esse trabalho sirva de reflexão para os profissionais da área, e seja útil em sala de aula. Para que essa fase da criança seja tratada com respeito e que seja aproveitada, pois as crianças têm um grande potencial, basta ser estimulado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não pretende trazer soluções imediatas, onde o professor terá uma aula pronta, e sim abrir possibilidades para que o docente possa buscar outros métodos para lecionar, multiplicando seu conhecimento e idéias sobre o assunto abordado. Não pretende ser um fim em si mesmo, mas um começo para que muito possa ser realizado em sala de aula.

Sabemos das dificuldades que nosso país enfrenta com relação à alfabetização. Porém devemos renunciar a idéia de uma educação que alfabetize a todos? Não, devemos buscar soluções inovadoras que busquem resolver os problemas do seu tempo. Pois, as tecnologias mudam, as crianças mudam, portanto a escola também tem que mudar. No entanto, não deixando de cumprir seu papel principal de formar educandos que dominem o conhecimento científico e preparados para viver em sociedade.

Necessita-se existir um espaço no currículo onde as crianças brinquem e aprendam simultaneamente. Mas que essas brincadeiras tenham um objetivo, não só brincar por brincar. Vimos a importância da brincadeira e do desenho para o entendimento do que é uma representação para criança. Por isso, eles devem ser levados a sério e proporcionar um jogo lúdico onde a criança perceba que pode usar um símbolo para representar a realidade. Passando do concreto para o abstrato. E com isso fazendo com que desde cedo o educando entre em contato com o mundo da linguagem escrita.

Essa visão de conhecimento é construída historicamente. Antigamente para se contar, pedras eram utilizadas. Com o passar dos tempos os povos primitivos começaram a fazer riscos nas paredes e perceberam que esses riscos poderiam representar qualquer coisa, passando para a abstração.

Se naquela época essa idéia era possível, imagine hoje com tanto estímulo e tecnologia que a criança possui a sua disposição. Não é preciso de muito, uma simples peça de teatro, que englobe a brincadeira, o desenho, a representação, vivenciados pelas crianças, já criam nelas um conceito do que é um símbolo inconscientemente, levando com elas por toda vida escolar. Falo isso, pois passei por essa experiência.

Quando estudava na educação infantil, recorde de uma peça de teatro que foi realizada em minha escola, e que cada aluno deveria pegar uma fantasia e representar uma personagem, a minha fantasia foi a única que sobrou. Era uma peruca preta sem graça, fiquei triste, pois não sabia que personagem criar com ela, foi então que minha professora falou que eu poderia criar a personagem que quisesse, então interpretei um sapo e percebi que uma coisa poderia representar outra, se não tivesse sido significativo para mim, não teria lembrado até hoje. O que espero é que isso também aconteça com outras crianças. E que os professores utilizem desse trabalho e sejam criativos em suas práticas. Voltando para a frase de Carlos Drummond de Andrade, brincadeira deve ser levada a sério, pois é triste ver crianças enfileiradas, sem nenhum estímulo que tenha valor para sua formação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOZZA, S. **Ensinar a ler e a escrever: Uma possibilidade de inclusão social**. Pinhais: Melo, 2008.

CAGLIARI,G. **Quando desenho é escrita**, jornal da Alfabetização. Porto Alegre: Editora Kuarup, ano V, n 27, p 12-13.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione. 1999.

CUBERES, Maria Teresa et all. **Educação infantil e series inicial: Articulação para a alfabetização**. Porto Alegre:artes medicas,1997

Direcional Educador ano 3 ed. 36- jan 2008. **A importância do brincar e das brincadeiras na educação**. SANTOS. Rogério.p 46

Direcional Educador ano 3 ed. 38- mar 2008. **Brinquedo que é brinquedo desafia e é coisa séria**. BUENO, Sonia ,p. 37

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**.São Paulo: Paz e Terra, 14 ed, 2001.p.25-19.

GARDNER, H. A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KOHL, M. **Vygostky: aprendizagem e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**, Scipione, 2003.

KRAMER, S. A Infância e sua singularidade. **Ensino fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: Leograf. 2006.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 1988.

MOREIRA. **O espaço do desenho: a educação do educador.**São Paulo: Loyola, 1993.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência da criança.** Rio de Janeiro:Zahar, 1982.

PILLAR, D. A. **Desenho e escrita como sistemas de representação.** Porto alegre: Artes médicas, 1996.

**Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

VYGOSTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes , 1999.p. 119-134.

## ANEXO 1

### **Projeto: A fada Dessa em seu mundo do faz de conta.**

Séries: Pré III(Primeiro ano) e 1ª.Série (Segundo ano).

Atividades desenvolvidas: Peça de teatro e brincadeiras.(Roteiro anexo 2).

Objetivos:

- Responder de que forma as brincadeiras de faz de conta podem influenciar no desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças de educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental.
- Proporcionar as crianças brincadeiras de faz de conta para elas entenderem o que é uma representação. Bem como a idéia de símbolo.

Materiais utilizados: fantasia de fada, maleta, adereços (fantasias), bolinhas de sabão, sinaleiro, rótulos, camisetas de time.

Avaliação: Após a peça será pedido para que as crianças desenharem e escreverem, em um papel bobina, que estará no chão, como podem representar a peça.

## Anexo 2

### Peça: Fada Dessa e seu mundo do faz de conta.

-Olá crianças!Eu sou a Dessa, vim de um mundo muito diferente. Lá eu posso ser o que eu quiser: um sapo(imitar), um macacão(imitar), uma velhinha(imitar), um palhaço(imitar).

- Vocês sabem que mundo é esse?Um mundo do faz de conta!!!

-Alguém sabe quem eu sou? (olhar para a roupa)

-Como vocês descobriram? Pela roupa?

-Muito bem! Como no meu mundo eu posso ser o que eu quiser. Eu resolvi hoje ser uma fada, pois elas são meigas, bonitas, fazem mágicas!!!(mostrar a varinha).

-Vocês gostariam que eu fizesse uma mágica e levasse vocês para conhecer meu mundo?

-Então fechem os olhos e quando eu falar CHEGAMOS, vocês abrem os olhos ok!

(Nesse momento, colocar uma música e jogar bolinhas de sabão, colocar uma maleta no meio da roda com vários adereços).

-CHEGAMOS!!!Aqui dentro desta maleta está meu mundo, onde cada objeto pode se transformar em uma pessoa, animal ou coisa.

-Vamos brincar! Cada um de vocês escolhe uma fantasia e vão imitar o que quiserem dentro da roda.(Passar com a maleta na roda para casa aluno escolher uma fantasia).Quem descobrir ganha um brinde e quem imitar também!

-Agora vamos voltar para a escola?Fechem os olhos e quando eu falar CHEGAMOS, vocês tiram a fantasia ok?

-1,2,3 CHEGAMOS!!! e ai gostaram?Agora vocês voltaram a ser alunos. Antes no meu mundo eram, animais, etc...

-Sabia que no mundo de vocês algumas coisas também se fantasiam para representar outras coisas?Por exemplo, o que isso quer dizer?(mostrar a figura de um sinaleiro. E isso? (mostrar a figura de um rótulo) e isso?(mostrar o emblema de um time).

-Viram tudo que existe pode ter outras formas.Issso se chama representação!!

-Até o que falamos pode ser representado, pelas letras!!!Mas isso é uma outra história!!!Tchau!!!

